

AS MOEDAS MUÇULMANAS DA COLECÇÃO FRANCISCO INÁCIO DE MIRA

José Rodrigues Marinho

Como homenagem a Joaquim Ferraro Vaz — o numismata estudioso que iniciou em 1948, com o seu Catálogo das Moedas Portuguesas, um novo período de estudos monetários em Portugal e que soube utilizar o maior achado de moedas da primeira dinastia como polo de atracção para o olvidado tipo «dinheiro» — recordamos Francisco Inácio de Mira, que em momento oportuno achou bem deixar escrito, para conhecimento geral, muito embora da forma mais simples, o inventário da sua colecção. Fiéis à sequência usada nesse simples mas importante registo, vamos desenvolver a sucinta referência às moedas muçulmanas que igualmente acarinhou, as únicas que, do conjunto disperso, podem hoje, seguramente, ser traçadas até ele.

O inventário duma colecção numismática, principalmente se formada na província até há algumas dezenas de anos, quando os meios de comunicação existentes não facilitavam ainda a rápida dispersão dos achados, tem o maior interesse para quem se dedica a estudos da numária em geral. Dá-nos, muitas vezes, notícia de tipos ou variantes com incidência na região de onde a colecção provém, pode mostrar-nos afinidades insuspeitadas entre espécimes diferentes ou autorizar-nos a fixar a origem de algumas emissões, e, sobretudo, permite mais tarde seguir o rumo das moedas, desfeito o medalheiro, o que possibilitará sempre nova apreciação do conjunto.

Nos fins do século passado e nas duas a três décadas que se seguiram, teve a numismática em Portugal um dos seus períodos áureos, como o atestam a publicação quer de obras da maior projecção quer de estudos restritos, a emissão de catálogos de colecções, de exposições e de leilões, e ainda a existência de vários manuscritos com a descrição das séries existentes em museus regionais ou pertencentes a particulares.

De entre os medalheiros daquela época que, para sempre, foram então registados, figura o de «Francisco Ignácio de Mira, distinto advogado de Beja, e fanático coleccionador de moedas, das quais conseguiu formar uma das melhores colecções do nosso país, nas três séries — *ibérica, romana e portuguesa*», segundo

nos refere outro distinto coleccionador da mesma época, o conselheiro Manuel Francisco de Vargas, na página 313 do volume XXI — 1916 — de *O Archeologo Português*. Dele mais transcrevemos que a colecção «foi começada por seu tio o P.^e José Ignácio de Mira, prior da freguesia do Salvador de Beja, homem ilustrado, e muito dado ao estudo de antigualhas, principalmente da sua terra», e ainda ter sido o «catálogo da citada colecção, elaborado e publicado pelo próprio Dr. Mira, em 1898, para acompanhar a colecção das suas moedas, que figurou na exposição numismática, que a Casa Liquidadora — Antigo Bazar Católico — a suas expensas realizou por ocasião das festas, celebradas em Lisboa, do centenário da descoberta do Caminho Marítimo da Índia».

Sobre Francisco Inácio de Mira dão-nos, também, ligeira notícia Teixeira de Aragão, na sua obra fundamental *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, que estará na origem de todo aquele entusiasmo numismático, e José Leite de Vasconcelos, que em 1923 apresentou *Da numismática em Portugal*, onde informa: «Em 1898 publicou em Beja o Catálogo da sua colecção. Hoje é falecido, mas a colecção ainda existia em 1914 em poder dos herdeiros, e talvez hoje...».

A colecção numismática de Francisco Inácio de Mira manteve-se presumivelmente intacta até ao final de 1969/princípio de 1970, quando foi vendida em Lisboa a uma casa da especialidade. Foi a seguir dispersa.

Em Abril de 1970 fomos convidados a comprar a parte muçulmana. Esta parte, como vai ver-se, ultrapassava ligeiramente a quantidade referida no catálogo de 1898, o que não é de estranhar admitindo posteriores aquisições.

O catálogo de Mira, feito com a finalidade de servir de guia numa exposição, está impresso em 40 páginas, sem gravuras ou notas pormenorizadas que procurassem individualizar o 1524 exemplares mencionados, e foi dividido em quatro partes, que resumimos:

- I — Moedas portuguesas
 - 653 do continente e ilhas adjacentes
 - 385 das colónias
 - 43 estrangeiras com curso legal em Portugal
- II — Moedas árabes
 - 48
- III — Moedas visigóticas
 - 4
- IV — Moedas romanas
 - 60 das colónias, municípios e povos antigos de Espanha
 - 70 consulares ou de famílias
 - 261 imperiais.

As moedas muçulmanas, registadas na página 30, são as únicas que não têm uma sumária classificação ou referência, estando mencionadas por grupos, com os números de ordem que, presumivelmente, lhes corresponderiam na colecção que iria ser exposta, pela forma seguinte:

1082 a 1092 — Onze diferentes	ouro	
1093 a 1117 — 25 diferentes	prata	
1118 a 1120 — Três diferentes	»	
1121 — Com legendas circulares	»	
1122 — Com legendas circulares	»	variante
1123 — Quadrada	»	
1124 — Quadrada	»	variante
1125 a 1127 — Três diferentes	cobre	
1128 e 1129 — Duas diferentes	»	.

Em 1970, de acordo com este registo o conjunto identificava-se assim:

- A) Grupo das moedas de ouro, com 14 peças, sendo dez do Califado de Córdova (Al-Hakam II), duas dos Abádidas de Sevilha e duas dos Almóadas;
- B) Grupo seguinte, com 31 moedas de prata dos Omíadas do Ândalus, sendo 9 do Emirado e 22 do Califado;
- C) Grupo de 5 moedas de prata, de tipo diferente das anteriores, isto é, de muito menor diâmetro, composto por quatro qirates e um meio-qirat;
- D) Duas moedas em prata com legendas circulares, do califado fatímida;
- E) Duas moedas em prata, quadradas, dos Almóadas;
- F) Três moedas de cobre, das primitivas cunhagens do Ândalus;
- G) Duas moedas, base cobre, de tipo diferente das três anteriores.

Havia, portanto, mais três moedas de ouro e oito de prata, que em nada vinham dificultar a identificação dos grupos que o catálogo mencionava.

Assim, é de aceitar que, à data em que Mira elaborou aquela relação, já estivessem na sua posse todas as moedas de ouro de Al-Hakam II. Por serem peças que não aparecem com frequência, presumimos que tenham vindo de um mesmo achado, juntamente com todas, ou quase todas, as moedas de prata do califado, pela proximidade das datas. Com efeito, as dez moedas de ouro têm datas compreendidas entre 357 e 363 da Hégira e as 22 de prata começam em 330 mas não ultrapassam o ano 360, o que não é vulgar. Constituído desta forma, o conjunto poderia ainda incluir as moedas fatímidas, da mesma época, que constam do grupo D), pois é frequente o seu aparecimento em achados de dirhames do Califado de Córdova, quase sempre fragmentadas.

Manuel Francisco de Vargas, que tanto se interessou pela numária muçulmana peninsular, não teve conhecimento destas moedas de ouro de Francisco Inácio de Mira, pois escreveu na página 198 do volume XIX — 1914 — de *O Archeologo Português*: «Com a abundância das moedas de prata de Al-Háquem II, que se encontram no nosso país, contrasta a raridade dos *dinares* e suas fracções, cunhados no seu tempo, dos quais não logrei ainda ver exemplar algum, sendo de notar que possuo *dinares* de seu pai Abd Arrahman III, e de seu sucessor Hexam II».

Por esta afirmação estamos em crer que as moedas muçulmanas de Mira, bem como as romanas, não estiveram patentes na exposição, apesar do catálogo finalizar com a informação: «Esta collecção foi exposta em Lisboa, na Casa Liquidadora de Leiria e C.^a, na Avenida da Liberdade, onde se inaugurou uma exposição numismática, por ocasião das festas do Centenario da India, em maio de 1898». Apontam, também, nesse sentido, 1) a referência de José Leite de Vasconcelos à exposição numismática, por ele apresentada na página 265 do livro atrás referido, onde se lê: «... promoveram os proprietários do antigo Bazar Catolico uma exposição de moedas e medalhas no Centro Numismatico, e isso anunciaram em dois prospectos, um grande, á maneira de cartaz, e outro pequeno. Esta exposição era especialmente scientifica; sem embargo, podia fazer transacções comerciais quem quisesse. Os visitantes entravam por intermédio de bilhetes. Tanto pelo que se lê no referido cartaz, como pelas notas que tomei pessoalmente no Centro, posso dar a seguinte lista dos expositores: Adriano Cavalheiro...; Arsenio Alvares da Silva...; Ciro de Carvalho...; Francisco Ignacio de Mira... expôs moedas do reino, moedas das colonias, e algumas visigoticas; Joaquim José Colaço...; José Ferreira Braga...; Manoel Francisco de Vargas...; Manoel Joaquim de Campos...»; 2) o próprio cartaz da exposição de 1898, citado por Leite de Vasconcelos (de que, pelo interesse, damos uma reprodução reduzida), o qual, para o que Mira iria mostrar, só indica: «magnifica collecção de moedas portuguezas e algumas Wisegodas»; e 3) a moeda de Ahmad ibn Qasi, que mais à frente se apresenta, a qual foi batida em Mértola, a terra natal do conselheiro Vargas.

A pequena quantidade de moedas de ouro do Califado de Córdova chegada aos nossos tempos, daquilo que terão sido as enormes quantidades cunhadas (é muito raro o aparecimento de duas moedas iguais), pode ser apreciada nos quadros estatísticos do catálogo de Miles. Neles foram incluídas todas as moedas dos Omíadas do Ândalus, de que houve conhecimento, não só as integradas em colecções como as referidas em estudos e publicações. É certo esses mapas não conterem, por falta de informação, os exemplares dos medalheiros portugueses, como faltarão os de algumas colecções estrangeiras, mas cremos que isso não altera as conclusões de forma apreciável. Assim, apurou aquele autor uma existência

ENTRADA LIVRE

GRANDE EXPOSIÇÃO NO CENTRO NUMISMATICO

Que abre ás 12 da manhã e fecha ás 4 da tarde nos dias dos

FESTEJOS DA DESCOBERTA DA INDIA

NA LIQUIDADORA DE LEIRIA & C.^a

SALÃO VASCO DA GAMA

93, 95, 97, 99, AVENIDA DA LIBERDADE, 107, 109, 111 113

TORNEJANDO PARA A

50, 52, 54, 56, 58, 66, 68, TRAVESSA DO SALITRE, 70, 72, 74, 82, 84, 88, 90

Em frente dos grandes portões que n'esta ocasião estão armados para receber Suas Magestades e Alturas na ocasião da Grande Parada

No Antigo Bazar Catholico, propriedade que foi da actual Sociedade de Leiria & Comp.^a, e que esteve por alguns annos na Rua da Escola Polytechnica n.º 12 e 13, fizeram-se alguns leilões só constantes de moedas e medallas portuguezas, sendo algumas d'ellas tao disputadas, que se elevavam a altos preços, com jubilo e admiracao de seus donos, que ignoravam completamente o seu verdadeiro valor. Verdade seja que a firma Leiria & Comp.^a fazia sempre os maiores esforços para que as vendas se realisassem nas melhores condicoes possiveis, o que conseguia, convidando os amadores d'esta especialidade, ja por grandes anuncios em todos os jornaes, ja por meio de cartas, ou prospectos distribuidos em larga profusão, a virem assistir a estes leilões, e por isso a sua casa e hoje o ponto de reunião dos melhores colleccionadores.

Com a mudança do Bazar Catholico para a Avenida da Liberdade, occorreu aos seus proprietarios fundarem um museu numismatico, organizando uma sala destinada sómente a este fim; mas as acanhadas dimensões da casa não permitiam

a realisacao do seu intento, pois era insufficiente o espaço de que podiam dispor para receber o avulso numero de colleccionadores, que frequenta o seu estabelecimento. Não pozeram, contudo, de parte a sua idea, aguardando occasião propicia, em que podessem obter casa mais vasta, e que melhor se prestasse aos fins a que era destinada. Finalmente conseguiram satisfazer os seus desejos, e a firma Leiria & Comp.^a possui hoje um dos mais grandiosos estabelecimentos d'esta capital, não só pela vastidão das suas salas, mas tambem por estar situado no melhor sitio da cidade, na Avenida da Liberdade, 93, 95, 97, 99, 107, 109, 111, 113, tornejando para a TraveSSa do Salitre, onde tem os numeros de 50 a 90. Ainda que a casa possua só 8 portas para a Avenida, se attendermos a que 6 d'essas portas são duplas, isto é, que têm a altura e largura de 2 ou 3 portas vulgares dos edificios de Lisboa, podemos dizer que equivalem a 14 portas, o que bem se pôde verificar pela gravura abaixo publicada:



Em duas d'essas grandes portas estão instaladas duas bonitas montanhas, uma denominada Camêlo e a outra Vasco da Gama, em memoria dos dois maiores vultos da haizga portugueza.

O novo estabelecimento, que ha seis meses foi instalado, e que tomou o titulo de

Liquidadora de Leiria & Comp.^a — Antigo Bazar Catholico

está dividida em quatro grandes salões. O 1.º, que é o mais vasto que existe em Lisboa, denomina-se Salão Vasco da Gama, e é destinado unicamente a exposiçao de objectos para venda em leilão, e onde se fazem os leilões O 2.º, salão ALBUQUERQUE, e destinado a exposiçao de moedas e objectos antigos em todos os generos, para venda em particular. O 3.º salão, denominado CROMWELL, e destinado a exposiçao de livros, manuscritos e impressos, gravuras, pinturas, moveis em todos os generos para venda em particular. O 4.º salão, que ha 6 meses está em obras, e destinado ao Centro Numismatico. Simão os seus proprietarios, que ha muitos annos pensavam em organizar esse salão proprio de receber as visitas dos colleccionadores, depois de tanto trabalho e cartas fatigadas, reunindo não só os melhores colleccionadores, mas tambem as suas preciosas collecções, e que todos se trataram muito satisfactoriamente, para se poder fazer uma exposiçao, que é a primeira que n'este genero se fez no nosso Paiz.

Esta exposiçao abre no dia 12 de maio e fecha no dia 23 de maio. Todos os dias, das 12 horas da manhã ás 4 horas da tarde, estarão expostas todas as collecções em uma sala, recentemente ornamentada no estilo Alhambra, em ouro e cores de finissimo trabalho; tem ao lado da sala um Jardim no mesmo estilo, onde estão collocadas vintenas com valiosas collecções de moedas e medallas, em ouro, prata e cobre, e onde se encontram resididos de primeira ordem. Junto ás collecções numismaticas ha tambem uma vitrine em que estão expostas peças antigas, esmaltes e outras bijuterias raras, sendo algumas de subido valor artistico. Ao centro do salão ha vitrine, para vender ou trocar por outras, uma porção de moedas e medallas avulsas, que constam de exemplares duplicados, recibos de varios particulares, e de alguns colleccionadores.

A entrada n'este salão Centro Numismatico e por bilhetes, que se podem obter no escriptorio do estabelecimento.

Em todos os outros salões a entrada é livre para todos que se apresentem decentemente vestidos.

Todos os dias se fazem leilões de moedas, boças, crystals, candieiros, tapetes, quadros pintados a óleo, gravuras, objectos de prata e de ouro, antiguidades e objectos de arte. Finalmente, de numerosos objectos que todos os dias se estão recebendo de diversas casas particulares para este fim. Como todos sabem, esta casa recebe para vendas em leilão ou em particular casas completas, ou qualquer moveel em separado, taes como: mesas, cadeiras, guarda-louças, aparadores, vidraria, terrazo, consolos, mesas de centro, guarda-vestidos com ou sem portas de espelho, toilette commoda, mesas de cabeceira, lavatorios, baldes e regadores, banheiras, fogões, secretarias, estantes para livros, bilhetes, contadores, cochas de seda, bordados e tecidos, paramentos, tapetes, orateiros, imagens, pinturas, gravuras, livros, repisórios, objectos de ouro e prata em todos os generos, anéis, brinçoes, bijuterias, pingentes antigos com pedras, fiavel e falsos, aparelhos de louça de jantar e almoço, travessas, terrinas, pratos, raras, de louça da India e Japão; estalhos de seda antiga em todos os generos.

Envidiamos aos ex. sr. srs. proprietarios, que tenham quaquaver objectos antigos para vender, a conveniencia de apresentar esta occasião de virem a Lisboa ver as feiras, para os levarem ao Salão Vasco da Gama, onde se faz leilão todos os dias; aqui podem ver por quanto são vendidos, e factos saber muito mais, pois que o dono pôde estar presente e se licitar nos seus objectos para assim os fazer chegar a maior preço. No prazo de 24 horas todas as contas são liquidadas.

Esta casa só recebe uma insignificante commissão pelos objectos que vende. Os preços são os seguintes:

Loze arrematado até	500 rs.	60 rs.
" " de	500 x a 150000 rs.	10 p. c.
" " de	15000 x a 250000 rs.	8 " "
" " de	25000 x a 500000 rs.	7 " "
" " de	500000 x a 1000000 rs.	5 " "

Numero da mesa commissão e de to. rên.

EXPOSIÇÃO NUMISMATICA

SALÃO ALHAMBRA

Lista dos Ex. srs. Expositores:

D. Julia Costa — joias antigas.
D. Maria Theresa Ramon, idem.
D. Gonçalo Ferreira, idem.
D. Maria do Carmo Alvaro, idem.
D. Elvira Michado, idem.
D. Augusto Carlos Ferreira de Aragão, idem.
Cruz Augusto de Carvalho — dignissima collecção de moedas portuguezas.
Arsenio Alvarez da Silva, idem.

Mas-o de Joaquim de Campos — moedas viciénicas portuguezas.
Alexandre José dos Santos Leão — magnifica collecção de medallas portuguezas.
Jose d'Ascensão Guimarães, idem.
Dr. Francisco Ignacio de Mota — magnifica collecção de moedas portuguezas e algumas Wisigodas.
Joaquim José Colares — moedas portuguezas e romanas.

Jose Ferreira Braga — moedas portuguezas, romanas e arabicoas.
Jose dos Santos Judio — collecção hispanoas.
Manoel Francisco Vargas — collecção de moedas portuguezas.
Antonio da Cruz Xavier Leira — vitrinas portuguezas.
Real Companhia Horologica e Agricola portugueza — valiosa collecção de plantas.

Typographia e Imprensa de Leiria, Leiria, 11-11-1888

de 120 dinares e suas fracções com o nome de ‘Abd al-Rahmān III, 157 de Al-Hakam II e 238 de Hishām II, além de 16 atribuídos aos restantes omíadas que governaram nos atribulados anos de 400 a 422 H, tudo num total de 531, dos quais 113 são submúltiplos do dinar.

Como se verifica, são em quantidade muito reduzida as moedas de ouro do Califado Omíada de Córdoba que alcançaram os tempos presentes, para um período de cunhagens de cerca de 103 anos (entre 317 e 422 H = 929 e 1031 JC). Mas, se não houve emissão de moeda áurea em vários desses anos — não se conhecem exemplares de 42 datas intermédias — afigura-se-nos que noutros o fabrico deve ter sido abundante — existem 7 datas cada uma com mais de 20 moedas de ouro conhecidas —, e de alguns destes anos são quase todos os dinares omíadas que foram da colecção de Francisco Inácio de Mira.

As moedas dos Abádidas de Sevilha aparecem com frequência no Alentejo, onde circulariam em maioria até à chegada dos Almorávidas e à prisão de Al-Mu‘tamid. O dinar deste príncipe, datado de 461, o primeiro ano do seu reinado, terá sido um tipo de transição, dos três tipos que se conhecem batidos com essa data, explicando-se por isso a sua raridade. Para o dinar de 471, o tipo estende-se ao longo de nove anos, e deve ter sido emitido em razoável quantidade, embora essa data possa agora apresentar-se como escassa. Quanto ao dirham, batido em base cobre, teve de ser limpo para se poder identificar; acha-se bastante deteriorado, mais no anverso, lendo-se bem o local de cunhagem, mas é duvidoso o dígito da data.

Das espécies almóadas em ouro, largamente citadas em documentos da primeira dinastia, o dinar é, certamente, a moeda designada por «morabitino novo» na chamada Lei de Almotaçaria, de D. Afonso III, de 26 de Dezembro de 1253, onde foi taxada em 22 soldos (moeda de conta); o meio-dinar será a moeda designada por mealha de ouro pelos cristãos.

Para as séries em prata, uma referência deve ser feita ao dirham do ano 256. George Miles, e autores anteriores, constataram em moedas deste ano a existência de cunhos de estilos variados. A presente moeda será mais um estilo não referenciado: com uma escrita miúda e espaçada, figura o tipo das cunhagens norte-africanas.

Do grupo onde se integram os qirates, dois deles chamam a atenção: um de Ahmad ibn Qasī, com menção de Mértola, e o outro de Sidray ibn Wazīr, sem local de cunhagem.

As moedas de Mértola foram batidas por Ibn Qasī em dois tipos principais, existindo, de cada um deles, uma variante pela distribuição das legendas. Do primeiro tipo, Vives só conheceu uma das espécies, por um decalque de Codera (o seu n.º 1915). Do segundo tipo são as moedas com os n.ºs 1916 e 1917,

diferindo levemente no arranjo da legenda, o que Vives constatou, pertencendo ambas à coleção Conde de Sol. Coloca-se agora a dúvida se a moeda n.º 1918, mencionada por Vives como meio-quirat e pertencente à sua própria coleção, não seria também um qirat do tipo n.º 1917, cerceado ou com peso reduzido, pois as legendas apresentadas são exactamente as mesmas das da moeda anterior. O próprio Vives, em *Indicación del valor en las monedas árabe-españolas*, diz: «Los quirates llevan en sus dos áreas leyenda de tres ó cuatro líneas. — Los medios, leyenda sólo en la segunda área, y nada ó un adorno en la primera». Todavia, num quadro, coloca o seu meio-quirat com a nota: «Medio quirate acuñado con troquel de quirate». Para nós, a dúvida subsiste, pois, 1) tal peça, mesmo admitindo ter sido batida erradamente, face às características diferenciáveis, seria considerada pela população como qirat, até pelos diferentes pesos e diâmetros que se notam em espécies afins, e 2) não há a certeza de Ibn Qasī haver emitido meios-quirates.

A moeda da coleção Mira é a variante n.º 1917 de Vives, da qual, além do espécime por ele descrito, só conhecíamos outro numa coleção oficial portuguesa.

Também aqui, Manuel Francisco de Vargas não teve conhecimento deste qirat de Ibn Qasī. Na p. 315 do já citado vol. XXI de *O Archeologo Português*, escreveu: «... diz Teixeira de Aragão não constar que os muçulmanos tivessem tido casa da moeda na parte da Lusitânia e Galiza, que actualmente pertence a Portugal ... Hoje porém, conhecem-se moedas muçulmanas indubitavelmente cunhadas em Mértola ... Vives descreve três quirates e um meio quirate destas moedas, que são extremamente raras, e foram batidas ... por ... ibn Caci ... Tem por isso estas moedas, além da sua importância numismática, inestimável valor histórico para nós, os portugueses. Pena é que nenhum exemplar, que eu saiba, figure nas nossas coleções».

Já o qirat de Sidray ibn Wazīr, mostrando nas legendas a submissão aos Almóadas, aponta para um espécime da sua terceira fase de cunhagem. Terá sido, presumivelmente, batido em Beja, como nova capital dos seus estados, para aonde se terá retirado após ter deixado Silves. É também espécie muito escassa.

Das moedas de cobre que tiveram os n.ºs 1125 a 1127 do catálogo, uma, menos comum, está datada do ano 108, e interessa referir ter sido recunhada sobre uma espécie com legenda diferente.


Outra moeda de cobre só tem, dividida pelas duas faces, uma legenda religiosa. É a espécie primitiva que se encontra com mais frequência por toda a Península, e por isso se admite como batida, no Ândalus.

A última das três moedas é um espécime também menos comum, controverso pela legenda do anverso, traduzida por «Pagamento no caminho de Allāh». Tem sido admitido estar ligada à invasão muçulmana da Península, cremos que com duvidoso critério.

DESCRIÇÃO DAS MOEDAS

N.º	Ano	Tipo	Peso	Diâm.	Notas
A) MOEDAS DE OURO (representativas dos n.ºs 1082 a 1092 do catálogo de Mira)					
a) Califado de Córdoba: Al-Hakam II (350-366 H = 961-976 JC)					
1	357	M.250 (a)	3,80	22	De um total de 22 dinares deste ano citados por Miles, dois são deste tipo, um deles na colecção da HSA, reproduzido na est. V; comparando a moeda de Mira com a gravura em Miles, afigura-se terem saído do mesmo par de cunhos.
2	357	M.250 (a)	4,00	21	Tipo da moeda anterior; o anv. parece ter o mesmo cunho; todavia, o rev. é diferente.
3	358	M.251 (a)	4,27	22,5	Também de um total de 22 dinares conhecidos com esta data, Miles refere dois espécimes deste tipo, um deles na colecção da HSA e que reproduz na est. VI; os cunhos são diferentes.
4	358	M.251 (e)	1,15	14	Miles apresenta esta moeda como quarto de dinar, citando três espécimes deste tipo, num total de sete exemplares referenciados. Espécime com muito uso.
5	358	M.251 (e)	0,88	13	Tipo da moeda anterior; espécime com algum uso.
6	358	M.251 (e)	0,85	12	Tipo da moeda anterior; espécime com muito uso e as legendas das orlas cerceadas; da data, com as letras muito cortadas, só se vê a parte inferior, sendo dada com muita reserva.
7	361	M.254 (d)	3,88	25	Com esta data apurou Miles 23 espécimes conhecidos, que dividiu por três tipos principais: sem nome de encarregado da casa da moeda ou tesoureiro, com o nome 'Āmir e com o nome Nasr; a presente moeda é deste último tipo, sendo variante na ornamentação: no anv. $\frac{\text{V}}{*}$, no rev. $\frac{*}{\text{Nasr}}$.
8	362	M.255 (a)	4,15	24	Deste ano há referência a três dinares apenas; a presente moeda, tanto no anv. como no rev., e quer acima quer abaixo da legenda do campo, tem uma pequena estrela de seis pontas.

N.º	Ano	Tipo	Peso	Diâm.	Notas
9	363	M.256 (a) var	3,63	23	Desta data Miles referencia 19 dinares dados a vários tipos, consoante a distribuição das legendas e a menção ou não de nome de tesoureiro ou de encarregado da casa da moeda. Do tipo presente cita quatro espécimes.
10	363	M.256 (f)	4,64	22	Deste tipo Miles refere sete espécimes, e um só, do Museu Britânico, é descrito no pormenor da ornamentação, semelhante ou igual a este.
b) Reis de Taifas: Abádidas de Sevilha					
Al-Mu'tamid Muhammad b. 'Abbād (461-484 H = 1069-1091 JC)					
11	461	P.402 (a)	4,04	25,5	Deste tipo, Vives só teve conhecimento da fracção de dinar. Prieto já apresenta esta moeda, referindo como único o exemplar que descreve.
12	471	P.412 (b)	4,16	27,5	Com menção de batido em Sevilha, o tipo conhece-se com datas de 470 a 478. Vives também não conheceu a moeda de 471 e Prieto apresenta-a como única.
c) Almóadas					
1) 'Abd al-Mumin ibn 'Alī (541-558 H = 1147-1163 JC)					
13	—	H.460	2,27	20,5	Estes dinares do primeiro califa almóada terão sido batidos a partir de 543 (1148 JC), quando apareceu a série característica da dinastia. A nova moeda tomou naturalmente, na circulação monetária, o lugar do dinar da dinastia almorávida desaparecida.
2) Abū Ya'qūb Yusuf I (558-580 H = 1163-1184 JC)					
14	—	H.496	1,15	16,5	O meio dinar almóada é escasso: da dinastia, Hazard apurou um total de 47 espécimes referenciados, e apenas 7 deste califa.
B) MOEDAS DE PRATA (representativas dos n.ºs 1093 a 1117)					
a) Al-Ândalus: Emirado independente					
1) 'Abd al-Rahmān I (138-172 H = 756-788 JC)					
15	153	M.44 (b)	2,64	27,5	
16	156	M.47	1,97	27	Orla quebrada, das 6 h à 1 h.

N.º	Ano	Tipo	Peso	Diâm.	Notas
2) Al-Hakam I (180-206 H = 796-822 JC)					
17	190	M.81 (b)	2,52	27,5	
18	196	M.87 (c)	2,68	26,5	
19	197	M.88 (c)	2,51	25,5	Cerceado das 3h às 11h.
20	202	M.93 (a)	2,47	27	
3) Muhammad I (238-273 H = 852-886 JC)					
21	256	M.148 var	2,52	30	O estilo desta moeda é diferente dos apresentados por Miles e a ornamentação das orlas também não consta do seu índice. Assim, no anv., por fóra da legenda, duas circunferências lineares, e depois o ornato $\circ \bullet \bullet \bullet \circ \bullet \bullet \bullet \circ \bullet \bullet \bullet$ e uma circunferência exterior serrilhada. No rev., legenda marginal entre circunferências lineares; cortando a circunferência exterior, cinco arruelas dispostas a intervalos regulares; por fóra, circunferência serrilhada.
22	261	M.154 (i) var	2,54	27,5	No estilo G, de Miles, a moeda é variante na ornamentação do rev.: no campo, em cima, ornato similar ao da moeda descrita sob o n.º 164 (a); em baixo, pequena estrela.
23	270	M.163 (a) var	2,55	29,5	Variante por ter o ornato apenas na parte superior do campo do rev.: 
b) Califado de Córdoba					
1) 'Abd al-Rahmān III (300-350 H = 912-961 JC)					
24	330	M.217 (b)	2,82	24,5	Em atenção aos comentários ao tipo, feitos por Miles a p. 260, note-se que, além dos cinco grupos de três aneletes no anv., há no rev., entre a dupla circunferência linear, quatro grupos de três aneletes dispostos em intervalos regulares.
25	331	M.219 (b)	2,53	24	
26	331	M.219 (b)	1,89	24	Ligeira falha na orla. Note-se o baixo peso, não justificável pela falha ou pelo ligeiro uso.
27	332	M.220 (d)	2,85	23,5	A roseta característica tem apenas sete raios, nítidos.
28	338	M.228 (a)	2,78	23,5	Na legenda marginal do anv. falta a palavra سنة (ano).

N.º	Ano	Tipo	Peso	Diâm.	Notas
29	339	M.229 (b)	2,95	23	Falta a palavra سنة , também referida por Miles no tipo (f), possivelmente um exemplar semelhante a este.
30	346	M.237 (a)	3,28	23,5	
31	346	M.237 (a)	3,05	22,5	
32	346	M.237 (c)	2,32	23,5	
33	346	M.237 (f)	2,91	23,5	
34	347	M.238 (a)	2,69	23	
35	348	M.239 (b)	2,35	22	
36	348	M.239 (b)	2,12	22,5	
37	349	M.240 (a)	2,28	23,5	
38	349	M.240 (a)	2,11	22	Espécime com muito uso e com riscos de raspagem.
39	350	M.241	2,55	22,5	
2) Al-Hakam II (350-366 H = 961-976 JC)					
40	351	M.238 (a)	2,83	25	
41	351	M.238(l)	2,64	26	
42	352	M.244 (a) var	3,17	23	Variante por o ornato não figurar na lista de Miles, todavia próximo do figurado para o espécime 245 (e), do ano seguinte.
43	353	M.245 (f)	2,18	23	
44	354	M.246 (k)	2,56	22	O ornato por cima da legenda do campo do anv. é, talvez, mais próximo do apresentado em Miles para o tipo (j).
45	360	M.253 (q) var	3,09	24	Variante por não ter em baixo, no campo do rev., a estrela de seis pontas.

C) MOEDAS DE PRATA (representativas dos n.ºs 1118 a 1120)

a) Almorávidas

1) 'Alī b. Yūsuf com herdeiro Tāshfīn (533-537 H = 1139-1143 JC)

46	—	H.999	0,76	11	Este qirat é a moeda n.º JRM 35 do estudo «Analysis of the Almoravid silver coinage: the qirats». Num cúfico cursivo, a legenda é ornamentada: no anv., em cima, motivo floral, com caule curvo desde o centro; em baixo, rosácea de quatro pétalas; no rev., em cima e em baixo, motivos florais com o pé partindo da circunferência exterior.
----	---	-------	------	----	---

N.º	Ano	Tipo	Peso	Diâm.	Notas
47	—	H.1012	0,45	9,5	Meio-qirat com a legenda em escrita Neskí, já referida por Hazard em «Additions and supplementary notes». A outra face é totalmente ocupada com um desenho geométrico (arabesco) composto por linhas curvas e pontos.
		2) Tāshfīn b. ‘Alī com herdeiro Ibrāhīm (538-540 H = 1144-1145 JC)			
48	—	H.1035	0,88	11	Este qirat tem o n.º JRM 59 no estudo citado nas notas à moeda n.º 46. Na cunhagem sofreu um duplo batimento, com a moeda rodando num ângulo apreciável.
		b) Segundo período de Taifas: Chefes de movimentos independentistas no Ocidente do Āndalus			
		1) Ahmad ibn Qasī — Mértola (539 H = 1144-1145 JC)			
49	—	V.1917	0,96	13,5	A emissão desta escassa moeda foi, presumivelmente, seguida com atenção por Ibn Qasī, filósofo, escritor e poeta, pois na legenda do anv. não falta diacrítico algum, o que é raro nas cunhagens do Āndalus, e no rev. poderá faltar apenas um.
		2) Sidray ibn Wazīr (3.ª fase de cunhagens — 542-551? = 1147-1156 JC)			
50	—	V.1911 var	0,86	12	Variante por a palavra الله se encontrar no final da primeira linha do rev., e não no início da segunda linha. Uma arruela acima da legenda do anv. e, no rev., acima e abaixo da legenda, motivos florais.
		D) MOEDAS DE PRATA (n.ºs 1121 e 1122)			
		Califado fatímida: Al-Mu‘izz li-Dīn Allāh (341-365 H = 953-975 JC)			
51	?	M,FC74 var	1,73	18,5	Dirham fatímida, cerceado, com falta da maior parte da legenda exterior nas duas faces, não permitindo a leitura do local de cunhagem e da data. Apresenta o mesmo estilo da moeda n.º 74, reproduzida por Miles, um dirham do ano 343 batido em Al-Mahdīyah, sendo presumivelmente da mesma época e daquela, ou de uma próxima, oficina tunisina.
52	?	M,FC74 var	1,38	19	Semelhante ao anterior.

N.º	Ano	Tipo	Peso	Diâm.	Notas
E) MOEDAS DE PRATA (n.ºs 1123 e 1124)					
Almódadas: Dirhames anónimos, batidos presumivelmente entre 558 e 668 H = 1163-1269 JC					
53	—	H.1096	1,53	14 (lado)	Anv. com pontos no final das linhas da legenda; em baixo, arruelas aos cantos, com a indicação da casa de cunho, Fez, à esquerda. Rev. com motivo floral no canto superior esquerdo; algumas letras (?) diminutas por entre a legenda; em baixo, arruelas aos cantos.
54	—	H.1096	1,48	15 (lado)	Como na moeda anterior, mas no anv. a arruela em baixo, à direita, está entre pontos.
F) MOEDAS DE COBRE (n.ºs 1125 a 1127)					
Governadores do Ândalus dependentes do Califado de Damasco (92-138 H=711-756 JC)					
55	108	M.8 (c)	6,96	20	Este <i>fals</i> , datado, apresenta-se com razoável uso e com a primeira parte da legenda marginal do anv., não visível. No rev. há sinais de letras anteriores à cunhagem.
56	—	M.26	2,19	14	Tipo do <i>fals</i> primitivo que aparece com mais frequência no nosso País. Algumas letras da primeira linha, tanto do anv. como do rev., não são visíveis.
57	—	W.P.120	2,84	19,5	Este espécime afigura-se estar recunhado sobre anterior recunhagem, pois mostra vestígios de dois tipos de legendas anteriores.
G) MOEDAS DE COBRE (n.ºs 1128 e 1129)					
a) Abádidas de Sevilha: Al-Mu'tamid Muhammad b. 'Abbād					
58	463?	P.405 (b)	2,98	26	Dirham corroído em vários pontos e no dígito da data, que se admite ser três, pelo reduzido espaço que ocupa e por não haver sinal de cauda da última letra.
b) Norte de África — Aglabidas: Ibrāhīm II? (261-289 H = 874-902 JC)					
59	?	?	2,08	19,5	Moeda de cobre aglabida, muito gasta e com as orlas falhadas. É frequente o aparecimento destas moedas, com muito uso, em Portugal, sendo difícil, em regra, a sua classificação no pormenor.

ABREVIATURAS

anv. = anverso

Diâm. = Diâmetro

est. = estampa

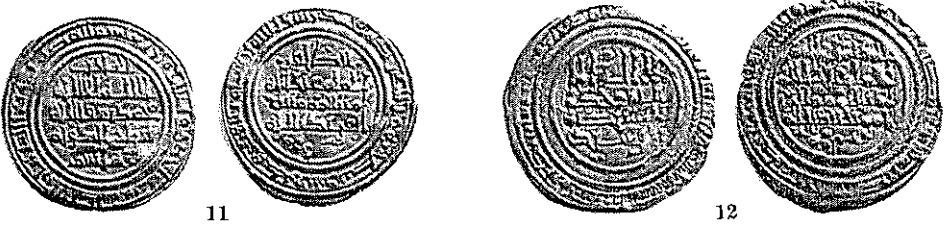
h = localização no anverso da moeda por analogia com as horas no relógio

rev. = reverso

var. = variante

BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, João M. Peixoto, MARINHO, José Rodrigues — «Analysis of the Almoravid silver coinage: the qirats», in *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area*, 3, Santarém, 1988.
- H. = HAZARD, Harry W. — *The numismatic history of late medieval North Africa*, The American Numismatic Society, New York, 1952.
- «Late Medieval North Africa: Additions and supplementary notes», The American Numismatic Society *Museum Notes*, vol. XII, 1966.
- M. = MILES, George C. — *The Coinage of the Umayyads of Spain*, The American Numismatic Society, New York, 1950.
- M,FC = MILES, George C. — *Fatimid Coins*, The American Numismatic Society, New York, 1951.
- (Mira, Francisco Ignacio) — *Catálogo da Collecção Numismática de Francisco Ignacio de Mira*, Beja, Typ. de A Folha de Beja, 1898.
- P. = PRIETO y Vives, Antonio — *Los Reyes de Taifas*, Madrid, 1926.
- V. = VIVES y Escudero, Antonio — *Monedas de las dinastías árabe-españolas*, Madrid, 1893.
- Indicación del valor en las monedas árabe-españolas, in *Homenaje á D. Francisco Codera*, Zaragoza, 1904.
- W = WALKER, John — *A catalogue of the Arab-Byzantine and Post-Reform Umayyad coins*, British Museum, London, 1956.





15



16



17



18



19



20



21



22



23





24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35





36



37



38



39



40



41



42



43



44



45





46



47



48



49



50



51



52



53



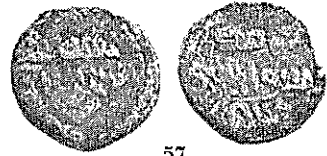
54



55



56



57



58



59

